



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS



FR209 - Uso Seguro de Plantas Mediciniais

Maytenus ilicifolia e Maytenus aquifolium

Natasha Kelly Wilinski Hodel

Profa. Dra. Alexandra Christine Helena Frankland Sawaya

**CAMPINAS - SP
2023**

Nome científico: *Maytenus ilicifolia* e *Maytenus aquifolium*

Família: Celastraceae

Nomes populares: cancerosa, cancorosa, cancorosa-de-sete-espinhos, maiteno, espinheira-divina, erva-santa.

Origem: a Espinheira-Santa é nativa do sul do Brasil, Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai.

Características botânicas: é uma árvore de pequeno porte (1,5m a 2m de altura), ereta, multicaule, que forma touceiras densas com brotos oriundos das raízes. O caule é verde-acinzentado, lenhoso, ereto e ramificado. As folhas são simples, coriáceas (rígidas), elípticas, as margens têm espinhos e o ápice é agudo.

As flores são muito pequenas, têm cinco pétalas livres, ovaladas, amarelo-esverdeadas e o florescimento ocorre de junho a agosto. O fruto é alaranjado, ovalado, e possui de uma a duas sementes avermelhadas por fruto (Figura 1).



Figura 1: Frutos da Espinheira Santa (<https://www.floralondrina.com.br/muda-de-espinheira-santa-maytenus-ilicifolia/>).

Cultivo: pode ser feito por meio das sementes, por rebentos nascidos da raiz (divisão de touceira) ou por estacas. Como é uma planta de baixa estatura, deve ser plantada entre espécies sombreadoras, de preferência leguminosas, e as mudas de espinheiras-santa devem ficar separadas entre si com um espaçamento de 2m. A planta possui um crescimento muito lento, e prefere clima subtropical e solos férteis e úmidos. A colheita das folhas deve ser feita no fim do verão.

Partes Utilizadas: folhas (Figura 2).



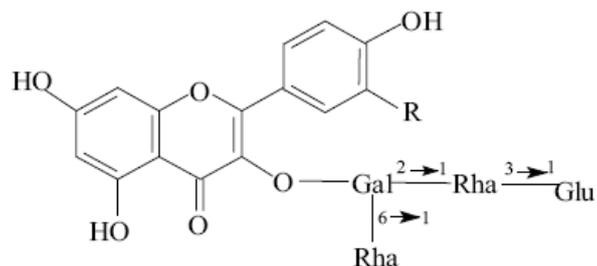
Maytenus ilicifolia



Maytenus aquifolium

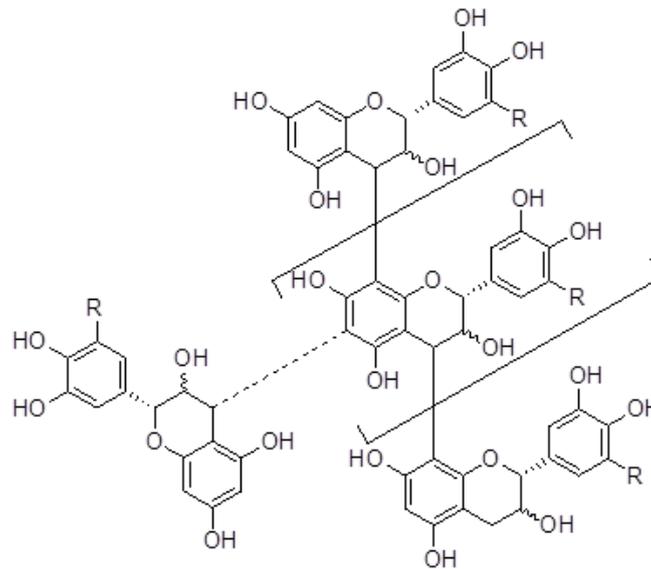
Figura 2: Folhas de *Maytenus ilicifolia* e de *Maytenus aquifolium* (fotos do autor).

Composição química: possui taninos (marcador), terpenos (maitenina e outros), triterpenos, sesquiterpenos e flavonóides glicosados (quercetina, isoquercitrina, canferol e outros), ilustrados nas figuras 3 e 4.



R	
1	OH Quercetina 3- <i>O</i> - α -L-ramnopiranosil (1 \rightarrow 6)- <i>O</i> - β -D-glucopiranosil (1 \rightarrow 3)- <i>O</i> - α -L-ramnopiranosil (1 \rightarrow 2)- <i>O</i> - β -D-galactopiranosídeo
2	H Canferol 3- <i>O</i> - α -L-ramnopiranosil (1 \rightarrow 6)- <i>O</i> - β -D-glucopiranosil (1 \rightarrow 3)- <i>O</i> - α -L-ramnopiranosil (1 \rightarrow 2)- <i>O</i> - β -D-galactopiranosídeo

Figura 3: Estrutura dos flavonoides de *Maytenus aquifolium*.



modelo de estrutura dos taninos condensados

Figura 4: Estrutura dos taninos de *Maytenus aquifolium*

(<http://www.sbfqnosia.org.br/Ensino/taninos.html>) .

Uso popular: prevenção do câncer tratamento de feridas.

Uso terapêutico interno: tratamento de gastrite, úlceras gástricas e duodenais. Possui atividade anti-inflamatória, aumenta o volume de secreção de muco no estômago e diminui a secreção do ácido clorídrico.

Uso terapêutico externo: por conta dos taninos, possui ação cicatrizante, podendo auxiliar no tratamento de acne, eczema, herpes e feridas na pele popularmente relacionadas ao câncer.

Modo de usar a posologia:

Uso interno: Infusão – 1 colher de sopa (3 g) das folhas secas (Farmacopeia Brasileira, 2019) para uma xícara de chá (150 mL) de água, 3 a 4 vezes ao dia (1 hora após as refeições e 1 hora antes de deitar-se). Tempo de tratamento proposto em torno de 28 dias.

Contraindicações: durante a gravidez, por lactantes (redução do leite materno) e por crianças com menos de seis anos (há poucos estudos que garantem a segurança). Pode haver interação com alguns medicamentos, tais como antibióticos e barbitúricos, uma vez que o aumento do volume de secreção de muco no estômago dilui o suco gástrico, fazendo com que o pH aumente, o que resulta na piora da absorção de determinados medicamentos.

Observação: o tempo de uso não deve ultrapassar 28 dias, e em caso de superdosagem, pode causar irritação da mucosa gástrica (por conta do excesso de

compostos fenólicos, que são ácidos) e/ou intestinal, gerando vômitos, cólicas intestinais e diarreia.

Referências bibliográficas:

1. ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Farmacopeia Brasileira, volume 1. 6ª Ed. Brasília, 2019.
2. CRF-SP. Plantas medicinais e fitoterápicos. São Paulo, Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.crfsp.org.br/images/cartilhas/PlantasMedicinais.pdf>. Acesso em: 01 maio 2024.
3. Disponível em: https://saude.campinas.sp.gov.br/assist_farmaceutica/Cartilha_Plantas_Medicinais_Campinas.pdf. Acesso em: 2 maio. 2024b.
4. Disponível em: <https://www.agricultura.rs.gov.br/upload/arquivos/202105/11145647-circular-20.pdf>. Acesso em: 2 maio. 2024a.
5. Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sectics/pnpmf/publicacoes/memento-fitoterapico-da-farmacopeia-brasileira/view>. Acesso em: 2 maio. 2024.
6. MARIOT, M. P.; BARBIERI, R. L. Metabólitos secundários e propriedades medicinais da espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reiss. e *M. aquifolium* Mart.). Disponível em: https://www1.ibb.unesp.br/Home/Departamentos/Botanica/RBPM-RevistaBrasileiradePlantasMedicinais/artigo13_v9_n3.pdf. Acesso em: 2 maio. 2024.